

Simonsen sugere que o Brasil planeje o seu empobrecimento

por José Casado
de São Paulo

O expurgo dos aumentos de preços do petróleo, trigo, seus derivados e de produtos agrícolas e hortifrutigranjeiros sujeitos a flutuações acidentais representaria "apenas um primeiro passo em prol da racionalidade no combate à inflação", segundo a avaliação do ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen.

Mas só o expurgo, temporário, não bastaria: "Ele contém a inflação; não a reduz", argumenta. E, como, na sua opinião, uma inflação anual de 120% compromete a estabilidade econômica e política do País, Simonsen considera "vital" que, na etapa seguinte, o governo promova, de fato, uma desindexação progressiva da economia.

Acha, fundamental, por exemplo, que nessa outra etapa do processo de ajuste — que pretende imediato — o governo desvincule a correção monetária da correção cambial. Sugere que o câmbio passe a ficar atrelado a um índice de preços de produtos industriais, desde que esse índice seja expurgado das flutuações de preços do petróleo e de outros produtos que nada têm a ver com a exporta-



Mário Henrique
Simonsen

ção (cita o trigo como exemplo).

A RECESSÃO

Desde a maxidesvalorização de 30% do cruzeiro, a 18 de fevereiro passado, o País "está mais pobre e estamos sendo sacrificados e expurgados pelo aumento da inflação e dos juros reais, com o desemprego associado a isso", observou o ex-ministro ao ser homenageado, sexta-feira, em São Paulo, pela Associação

Brasileira de Anunciantes (ABA).

E acrescentou: "Estamos diante de uma encruzilhada. A resposta a isso dará a medida da rapidez com que poderemos sair dessa crise. Sempre que se fala em combater inflação, fala-se em cortar os gastos públicos. Considero extremamente difícil reduzir satisfatoriamente os gastos públicos enquanto não tivermos um orçamento unificado. Em seguida, precisamos fazer o expurgo e partirmos para uma desindexação progressiva da economia, que é absolutamente fundamental, porque a indexação é uma realimentadora permanente da inflação".

O ex-ministro está convencido de que não há escapatória para o Brasil daquilo que ele considera uma "verdade aritmética": o empobrecimento temporário da sociedade brasileira.

Na encruzilhada em que se situa — argumenta —, o País só dispõe de duas alternativas: a do empobreecimento planejado e a do empobrecimento compulsório. "Eu prefiro a primei-

ra alternativa, porque os sacrifícios planejados podem ser efêmeros e equitativamente distribuídos pela sociedade. A segunda, representa a perpetuação da recessão econômica, o que é nefasto, sob todos os pontos de vista."

AS ILUSÕES

Sacrifícios serão inevitáveis, segundo a análise de Simonsen, "mas não serão necessariamente longos". Pode-se fazê-los de "maneira inteligente", acredita, desde que não se abandone o princípio da racionalidade nas decisões governamentais, "porque o sentimentalismo e a revolta contra a aritmética atrasam a saída da crise".

Entende como essencial "desfazer certas ilusões", como, por exemplo, a de que seria viável, hoje, procurar encetar com os credores estrangeiros um reescalonamento da dívida externa brasileira — superior a US\$ 100 bilhões — num prazo de trinta anos, com cinco anos de carência e 7% de juros.

No momento, não há negociador internacional, por mais hábil e inteligente que seja, que consiga convencer os credores a uma solução dessas", observa. A hora é de realismo, segundo Simonsen, o que significa "operar dentro das regras do jogo". E, assim, esquecer totalmente a idéia de uma moratória unilateral, "situação que nos deixaria com bastante saudade dos dias de hoje".